

A IDENTIDADE HISTÓRICO-CULTURAL DO IMIGRANTE DE DESCENDÊNCIA GERMÂNICA EM *TEMPO DE SOLIDÃO*

Daiane Antunes Dias & Marina da Silva Bordin©

RESUMO[©]

A história da humanidade foi fortemente marcada por contatos e conflitos entre identidades culturais, ou seja, entre diferentes modos de estruturar a vida social, de conceber e expressar a realidade. A riqueza desse leque de formas histórico-culturais permite pensar a sociedade à qual se está inserido e conhecer o sentido das práticas e costumes de outros povos. Os primeiros imigrantes alemães que chegaram ao Rio Grande do Sul trouxeram consigo uma identidade histórico-cultural a qual, devido ao relacionamento imigrante x nativo, sofreu uma desculturação e uma aculturação.

PALAVRAS-CHAVE: aculturação, desculturação, transculturação.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Josué Guimarãesⁱ, escritor da literatura contemporânea gaúcha, abordou em sua obra **Tempo de Solidão** (Tomo I da trilogia inacabada **A Ferro e Fogo**, primeiro romance do escritor, publicado em 1972) a temática sobre a imigração alemã no sul do país mais precisamente no estado do Rio Grande do Sul. São famílias alemãs encontrando no Brasil uma terra inóspita e em guerra. Homens alemães sendo forçados a participar de uma luta entre castelhanos, índios e soldados, deixando, assim, suas famílias desamparadas aos ataques de militantes. É a guerra Cisplatina, a corrupção e a falta de planejamento governamental recepcionando esse povo que atravessou o Atlântico em busca de melhores condições de vida.

Partindo da narrativa em torno desses desbravadores, será analisado o discurso narrativo para verificar como são trabalhadas as questões referentes à identidade histórico-cultural do imigrante alemão no Rio Grande do Sul, uma vez que a obra **Tempo de Solidão** gira em torno dos primeiros imigrantes alemães que aqui chegaram.

De acordo com Zilá Berndⁱⁱ, tradicionalmente, a identidade é caracterizada pela homogeneidade e está associada ao conjunto de características que define a pertença a uma etnia, a uma cultura, a uma nação ou, ainda, a um gênero. A questão identitária significa rastrear a diferença. Sem o outro, ou seja, o diferente, a existência do idêntico não é possível. Todavia, ao buscar o que distingue, o que singulariza, acaba-se excluindo o outro e isso leva a uma xenofobia. Portanto, pensar a identidade é pensar num processo de identificação e não em algo imóvel e estagnado.

A literatura exerce, em praticamente todas as culturas, a função sacralizadora de união da comunidade em torno de seus mitos fundadores, de seu imaginário ou de sua ideologia, contribuindo para solidificar os mitos da origem e do enraizamento e tendendo a projetar uma imagem homogênea da identidade de uma determinada sociedade. Sendo assim, a literatura pode ser um grandioso agente quando se trata da *construção da identidade cultural nacional*. Porém, ela também desempenha a função dessacralizadora, de subversão, de desmontagem de linguagens e discursos que passaram a ser *caducos* e exclusivos, na tentativa de construir um caráter nacional único e imutável. Nesse caso, a literatura se torna agente de desconstrução identitária ocasionando, assim, exclusões, preconceitos e racismo.

Parafraseando Zilá Berndⁱⁱⁱ, foi a literatura brasileira que, no período romântico, favoreceu à construção da identidade do Brasil, ou seja, desta nova nação que, ao ganhar sua independência, desejava exteriorizar ao povo brasileiro, e também ao mundo, que esta era uma terra com mitos fundadores, origem, paisagem, povo e cultura únicos e distintos. Mas faz-se necessário ressaltar que, embora com grande importância, esta construção

identitária cultural se tornou excludente o que causou ocultações e afastamentos de vastos seguimentos da população como negros e imigrantes, vindo, dessa forma, fazer desaparecer a diversidade constitutiva da nação e a riqueza dos diferentes aportes culturais que cada um dos distintos seguimentos populacionais traz consigo.

No Modernismo, conforme Bernd afirma, a literatura exerceu função oposta, ou seja, a *desconstrução* dos discursos que possuem o poder de se solidificar rapidamente. Isso revelou caminhos e descaminhos de uma realidade cultural nacional, com sua feição necessariamente impura, pois a confluência de povos e de culturas que aqui passaram foi esplêndida. Os modernistas não queriam fazer exclusões como os românticos e, sim, acrescentar, à cultura e à identidade nacional, tudo o que os povos imigrantes traziam como cultura, identidade e história próprias. Isso foi o que aconteceu na obra **Tempo de Solidão**, pois tanto os alemães quanto os nativos sofreram uma troca de cultura e de identidade, sendo o resultado tido como cultura nacional.

Quando se trata da questão identitária, é preciso levar em consideração que não há apenas uma *construção* e sim, também, uma *desconstrução*, pois, no momento em que um povo se relaciona com outro, há trocas de culturas o que permite uma construção e uma desconstrução na identidade de uma nação. Nesse caso, segundo Bernd, o termo identidade deve ser colocado no plural, uma vez que não existe uma identidade e sim diferentes momentos de identificação que se realizam num incessante e sempre inacabado processo, tendo em vista que quer sejam as identidades individuais ou nacionais, elas não são estáticas e concluídas, completando-se no trajeto mesmo de sua determinação.

Ainda de acordo com Bernd, a cor da pele, o sexo e outros referentes empiricamente verificáveis não são suficientes para compor a identidade dos povos. Uma identidade construída a partir da pertença biológica ao sexo feminino ou ao masculino ou da cor da pele revela-se com uma identidade de 1ª grau visto que inumeráveis são os referentes que podem intervir na identificação de um indivíduo, tais como, referentes de ordem biológica, histórica, cultural, sociológica, psicológica e outras.

Portanto, pode ser também cientificamente incorreto e ideologicamente perigoso admitir correlações imediatas entre características raciais ou geográficas e a construção de uma determinada cultura.

O conceito de identidade, processo dinâmico de construção e desconstrução, está intrinsecamente ligado ao de alteridade (eu em contrapartida com o outro). A questão da busca identitária é muito problemática, pois, levando em consideração a diversidade de povos e a variabilidade étnica, ela corre o risco de transformar-se em etnocentrismo erigindo, de maneira errônea, os valores próprios da sociedade à qual se faz parte, em valores universais. Esse etnocentrismo sentencia os escritores, em literatura, a uma espécie de guetização.

Não é possível ter-se uma cultura pura, fechada e homogênea. Há o contexto de miscigenação dos povos, há o múltiplo e o plural. Todo o imigrante sofre uma desculturação e uma aculturação, ou ainda, uma antropofagia.

Édouard Glissant afirma que o fanatismo identitário gera intolerância, ressentimentos e guerras. Viver num mundo fechado que se finda nos limites de uma tribo é um comportamento tribal, ou seja, etnocêntrico. O problema da identidade de um povo é antigo, já que os primeiros textos escritos por descobridores e viajantes sobre as Américas repudiam uma identidade aos autóctones, alegando carência e negatividade desses aborígenes. Os europeus, ao visitarem o Novo Mundo, experimentaram, conforme afirma Bernd, um sentimento ambíguo, pois, ao mesmo tempo que se vislumbraram com a bela terra e com o povo, dono de tradições culturalmente diferentes, também os recusaram. Ao descrever os índios, Pero Vaz de Caminha fez uso de uma linguagem negativa dando, ao habitante primitivo da terra, uma imagem também negativa. Isso pode ser visto como uma tentativa de negar o outro, o desconhecido que sofre dominação, em detrimento da cultura dos dominadores que, no caso da América, eram os europeus.

Mas, como se pode observar a partir do discurso narrativo de **Tempo de Solidão**, os índios, os negros e os alemães, povos de diferentes raças e advindos de diferentes

lugares, conseguem, de forma harmoniosa, conviver e compartilhar suas culturas como apresenta o fragmento abaixo:

[...] Catarina preparou para o filho um mingau feito com farinha de mandioca e açúcar. Comeram umas broas de milho que Juanito desencavara de uma saco, com lascas de charque cru. (GUIMARÃES, 2000: 18)

No trecho acima, a família Schneider, um índio, dois casais de escravos e mais alguns negros solteiros pararam, em meio a viagem, para fazer uma refeição com lascas de charque cru e broas de milho. Isso mostra não só o processo de aculturação e de desculturação do povo alemão como também dos demais povos, já que o discurso permite observar a troca de elementos culturais entre um povo e outro.

Para Bernd, o povo que sofre colonização carrega consigo um sentimento de desenraizamento com relação a sua cultura e ao seu território e esse sentimento de não pertença acaba ocasionando um grande problema, uma vez que os indivíduos que passaram pelo processo de colonização sentem uma necessidade muito grande de (re)elaborar uma identidade de raiz única e fechada. Édouard Glissant declara que a visão bovarista coletiva característica da literatura colonial (achar que a situação do outro é mais privilegiada que a sua) não deve mais existir, assim como, as sociedades fechadas que originam as identidades fundadas no *Mesmo*.

O discurso narrativo de **Tempo de Solidão**, embora mostrando que o povo alemão, ao chegar ao Brasil, defrontou-se com uma terra inóspita, exterioriza uma relação de troca cultural e identitária harmoniosa entre os distintos povos que participam da narrativa.

Paredes de varas trançadas, rebocadas de barro, cobertura de palha, duas peças, mais uma outra choupana para os escravos. (GUIMARÃES, 2000: 22)

Nessa frase, retirada do discurso narrativo de *Tempo de Solidão*, é visível a aculturação sofrida pelo povo alemão quanto ao estilo de habitações, sendo que a cobertura de sapé é cultura indígena.

Naquele dia mesmo começaram a pensar na construção de um forno para assar pão. [...] Catarina preparou a

massa, fez os pães redondos, dando em cada um deles um talho de facão. [...] O autêntico pão da Alemanha.

[...]

Mas o pão não abatumou, e as negras, daí por diante, aprenderam a preparar a massa e tudo era feito sob medida para economizar farinha. (GUIMARÃES, 2000: 26)

No discurso acima, a figura negra sofre também uma aculturação, pois aprende e passa a produzir o autêntico pão alemão.

Não é possível ter-se uma cultura pura, fechada e homogênea. Há o contexto de miscigenação dos povos, há o múltiplo e o plural. Todo o imigrante, como afirma Bernd, sofre uma desculturação e uma aculturação, ou ainda, uma antropofagia. A troca de cultura, ou melhor, o ato de compartilhar as diversas culturas existentes no mundo, sabendo-se aproveitar o que cada um desses povos traz de mais proveitoso é algo fantástico e que proporciona favoráveis mudanças para a sociedade. Como se observa no seguinte fragmento:

Os homens apearam, eram mais de dez, muitos castelhanos, dois índios. Juanito trançou língua com eles e se alegrou quando puxaram dos aperos cuias e bombas para o chimarrão. Viu quando tiraram de uma das carroças um saco e dentro dele a erva verdinha e cheirosa. Correu para botar água no fogo. (GUIMARÃES, 2000: 24)

A religião é algo extremamente importante para os alemães. Diversas são às vezes que Guimarães mostra, através do discurso da obra, a religiosidade alemã que deve, sem dúvida, ter influenciado bastante os demais povos que habitavam o Rio Grande do Sul.

Daniel Abrahão largou a colher no prato, pelo amor de Deus, não me fales assim sobre a Bíblia. A semente é a palavra de Deus. [...] O marido disse: a Bíblia não tem preço. (GUIMARÃES, 2000: 205)

Os alemães trouxeram, além de outros benefícios, o trabalho de seleiro e a família Schneider, como exhibe o discurso narrativo, obteve grandes progressos econômicos devido ao excelente trabalho que desempenhava

Daniel Abrahão juntamente com outros alemães, pois esses imigrantes não tinham medo do serviço fosse ele pesado ou não. No trecho abaixo retirado de **Tempo de Solidão**, pode-se perceber o desenvolvimento dos negócios da família Schneider:

Ao sair, passou pelas oficinas. Ficou admirando o trabalho de dois rapazes montando uma roda, tentando encaixar as duas cambotas sob as rodas de Emanuel. Perguntou, estão agora fazendo carretas? A primeira delas doutor. A primeira sempre é mais difícil. (GUIMARÃES, 2000: 198)

Tenho um fumo em rama que recebi hoje, gostaria que o senhor experimentasse. Muitos já me disseram que é um dos melhores que andam por aí. [...] Tirou a faca da cintura, alisou com ela um pedaço de palha de milho, picou o fumo de encontro ao polegar da mão esquerda, enrolou-o na palma da mão e fez um cigarro. Acendeu o palheiro no fogão e, quando voltou tirando baioradas, disse para Catarina:

-Pois saiba que fumo bom está aqui. Levo o que a senhora tiver. (GUIMARÃES, 2000: 205)

Nesse fragmento da obra, o imigrante alemão, Jacobus, experimenta o fumo, elemento de outra cultura bem aceito pelos alemães.

Pode-se, a partir dos trechos acima citados, ver que o imigrante alemão sofreu uma aculturação e uma desculturação, pois, no mesmo momento em que se aculturou com a cultura alheia também se desculturou da sua, sofrendo, assim, uma antropofagia.

A influência alemã foi grande. O trabalho de seleiro, a tradição do pinheiro e algumas comidas típicas como a shimier, o chucrut e o saboroso pão de milho foram coisas importantes trazidas para o Brasil pelos imigrantes alemães. A importância da mistura étnica é, sem dúvida, grandiosa sendo, portanto, impossível passar despercebida, pois, segundo Bernd que se utiliza de um oxímoro criado por Maffesoli^{IV}, quando há um *enraizamento dinâmico*, as identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos de sua trajetória histórica se justapõem para formar um mosaico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão identitária, segundo Zilá Bernd, encerra uma difícil solução: ou corremos o risco de excluir o outro, o diferente, e, assim, nos definimos e nos afirmamos como membros de uma comunidade ou desistimos de nos nomear, de nos afirmar como indivíduos arriscando, então, desaparecer. Mas, através do discurso narrativo de **Tempo de Solidão**, é possível perceber que esse pensamento binário pode vir a ser sabotado, pois o processo de aculturação e de desculturação, ou seja, a *transculturação* das diversas identidades e culturas é não só possível como também traz imensos benefícios para as sociedades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERND, Zilá & LOPES, Cicero Galeno (org.). **Identidades e estéticas compostas**. Porto Alegre, 1999.
- GUIMARÃES, Josué. **A Ferro e Fogo - Tempo de Solidão**. 12ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- JOBIM, José Luís (org.). **Literatura e identidades**. Rio de Janeiro, 1999.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: brasiliense, 1991.

NOTAS

[®] Alunas do 7º semestre do Curso de Letras, participantes do projeto - financiado pelo FIPE - no Laboratório LALISE e CORPUS. Professora orientadora: Drª Ceres Helena Ziegler Bevilacqua.

ⁱ GUIMARÃES, Josué. **A Ferro e Fogo - Tempo de Solidão**. 12ª ed. Porto Alegre, L&PM, 2000.

ⁱⁱ BERND, Zilá & LOPES, Cicero Galeno (org.). **Identidade e estéticas compostas**. Porto Alegre: 1992.

ⁱⁱⁱ BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

^{iv} MAFFESOLI, M. **Du nomadisme: vagabondages initiatiques**. Paris: Le livre de Poche, 1997.